

O GOLPE DE 64 EM UM LAR CRISTÃO: UMA EXPERIÊNCIA PESSOAL

Ronaldo Sávio Paes Alves – UFF

O presente trabalho é fruto de experiências com relatos orais vividas pelo autor. São depoimentos de um chefe de família – conservador católico – e de sua filha mais velha a respeito do golpe militar de 1964, suas conseqüências e desdobramentos dentro daquela família.

Foi um período que também vivi, e minhas lembranças me remetem aos anos iniciais da década de 70, onde o governo buscava legitimar-se através da publicidade e de campanhas ufanistas. “*Brasil: Ame-o ou Deixe-o!*” era o slogan da época, e embotados por tão maciça propaganda, era assim que acontecia. Amava-se o Brasil! Bastava desconhecer o que realmente acontecia no submundo dos cárceres, ou os interesses escusos daqueles que se beneficiavam da estrutura vigente, para se amar incondicionalmente o país.

Este trabalho é, portanto, fruto de minha inquietude de historiador. Ela residia em saber como se processava, no seio de algumas famílias a legitimação daquele regime, e como nos foi inculcada uma capacidade de amar, respeitar e nos emocionar com o nosso país. De onde veio tanto patriotismo, e em que bases essa carga emocional foi fundamentada, eram as minhas grandes questões.

Encontrei algumas respostas em um exercício de entrevista. Em primeiro lugar, entrevistei o **Sr. Ary Alves**, hoje com 82 anos, grande mentor do comportamento e das idéias de sua família. Em seguida entrevistei sua filha mais velha, **Rita de Cássia Paes Alves Pereira**, atualmente com 48 anos.

As análises que se seguem, dizem respeito às entrevistas realizadas com as pessoas acima.

ARY ALVES

“Sempre fui um patriota, e tentei passar isso para os meus filhos. Acho que obtive êxito.”

Entrevistar Ary Alves, tecnicamente foi um grande desafio tendo em vista a necessidade de manter o diálogo dentro do corte cronológico proposto. Resolvi então deixá-lo livre para exercitar o seu *passeio pela própria vida*, lembrando fatos que em pouco, ou nada, se relacionavam ao tema proposto. Segundo Halbwachs, citado por Ecléa Bosi, o caráter livre espontâneo, quase onírico da memória é excepcional. E completa:

Na maior parte das vezes, lembrar não é reviver, mas refazer, reconstruir, com imagens e idéias de hoje, as experiências do passado. A memória não é sonho, é trabalho

Por isso também, não obtive dele um *depoimento*, mas tentei me aproximar do que Queiroz¹ vai chamar de *História de Vida*. Nela, quem decide o que relatar é o narrador; e nada do que relata pode ser considerado supérfluo, pois tudo se encadeia para compor e explicar os fatos. E assim o foi.

Por isso mesmo, considerei os verdadeiros *passeios* que fez em suas memórias, como, por exemplo, discorreu sobre ser *Lacerdista*, embora tenha sido *Getulista*, durante boa parte do período do Estado Novo.

Quanto ao golpe, afirma que concordou na época por alguns motivos ideológicos e religiosos. Com uma certa ponta de tristeza, relatou a ameaça sofrido por parte de vizinhos ligados ao sindicato dos Marítimos de Niterói/RJ:

“Diziam que bastava Lacerda ser preso e eles me pegariam. Em casa ou na igreja. (...)Foram momentos de extrema tensão, pelos quais nunca passei.”

Seu envolvimento com a Igreja é um marco em seu comportamento e em sua ideologia. No seu bairro havia um padre, filho de lituanos fugidos da expansão territorial e militar da União soviética Stalinista, chamado Menceslau Valiukevicius. Ocorre que este, devido ao trauma da perseguição comunista sofrida por seus pais, era um ardoroso anticomunista, além de ter um ótimo relacionamento nos círculos militares. Persuasivo, dono de um fantástico carisma, Padre Menceslau exortava a todos os paroquianos que abraçassem a causa anticomunista, acusando-os de ateus. Ary, católico fervoroso, passou a

ser um dos braços direitos do Padre e, tendo percebido nele afinidades ideológicas, recebeu também a influência de seu discurso.

Com sua religiosidade muito forte, admirador de Carlos Lacerda, sentindo-se particularmente ameaçado, Ary não tinha nenhuma opção, senão acreditar e defender o que parecia ser a solução para o país.

Quando chegamos no ponto em que o golpe vira ditadura, outro dado surpreendente. O que Ary traz na lembrança, em termos de política, é que:

“Tudo era muito bonito na época da Copa de 70. Era gostoso ser brasileiro! Todos se enchiam de orgulho com a bandeira, os hinos, as paradas militares.”

Resolvido a explorar este ponto, perguntei como ficou sua posição política uma vez que Lacerda ficou de fora do núcleo de poder. Como resposta:

“Fui viver minha vida. Fiquei vivendo o clima do País. (...) Nós não sabíamos que estas coisas (repressão, tortura e morte) aconteciam. Havia censura e não éramos desinformados. Estas informações é que não nos chegavam.”

Nova surpresa quando pergunto pelo seu patriotismo. A resposta foi num tom de grande veemência:

“Sempre fui e sempre serei!”

Sentindo que havia aí algo estimulante, pedi que me explicasse de onde vinha seu patriotismo. Começou respondendo que este tinha origem na sua crença na ordem, na moral cristã, no bom senso e na legalidade. Ary demonstrou ser um homem que acredita no valor do trabalho.

Tudo o que ele entendeu como patriotismo procurou transmitir para os filhos. O amor à pátria, aos símbolos pátrios, datas cívicas, hinos e, acima de tudo, às autoridades constituídas fazem parte, segundo ele, do papel de pai que deveria desempenhar.

Ary termina a entrevista com a seguinte afirmação:

“Amo meu país! Não sou cético com relação aos governantes, nem nunca fui. Acredito em suas boas intenções e procuro fazer a minha parte.”

RITA DE CÁSSIA PAES ALVES PEREIRA

“Minha fase de ter meu pai como meu herói durou muito tempo”.

A entrevista com Rita de Cássia Paes Alves Pereira descortinou outras incríveis facetas do relacionamento familiar estudado. Rita é filha mais velha de Ary Alves. Tinha 7 anos de idade quando do Golpe Militar de 1964 e ao fim do governo Médici, já tinha 16 anos.

O trabalho da entrevista com Rita, hoje com 48 anos, foi relativamente mais fácil. Ao contrário do que aconteceu com Ary, Rita me deu seu depoimento sobre as coisas que viu e sentiu. Novas surpresas me estavam reservadas.

Aos 7 anos de idade, Rita tinha um medo muito grande. Segundo me revelou no começo da entrevista, os *comunistas* eram o seu *bicho-papão*. Incrível como mais de 40 anos depois ela consegue descrever com riqueza de detalhes as tensões do momento. Relata que a família vivia sob a ameaça de vizinhos ligados aos *marítimos* (confirmando as informações dadas por Ary Alves anteriormente). Via seu pai com medo, e sentia medo também. Em um determinado momento conta um sonho:

“Sonhei, só podia ser sonho, já que na realidade não aconteceu. Sonhei que estávamos na igreja quando um grupo armado a invadiu, e nós tivemos que fugir pela passagem secreta. Só pode ter sido um sonho, pois isto nunca aconteceu.”

A alusão a tal *passagem secreta* advém de questão, até certo ponto *lendária*, em torno da folclórica figura do Pe. Menceslau. Corria um boato de que na igreja havia uma passagem secreta que serviria como rota de fuga caso o Padre, ou qualquer um do seu círculo mais estreito corresse algum perigo. A existência de tal passagem secreta, segundo me consta, nunca foi confirmada.

Voltando ao golpe, Rita conta que houve muita festa, orações, terços e velas acesas. Ela ficou mais tranqüila, e sua vida como a de sua família ficou significativamente mais sossegada.

Uma coisa marcante neste período da vida de Rita foi a influência que seu pai e o Pe. Menceslau tiveram em sua formação. Seu pai era amigo pessoal do padre, que era o dono da escola onde Rita estudava. Ela lembra que eventualmente ele reunia os alunos no

pátio da escola e fazia discursos onde exortava-os ao patriotismo e ao amor e respeito aos símbolos pátrios.

“A repulsa ao comunismo só crescia em nós. (...) Ele era como um ídolo! Ele falava e eu acreditava. Além do que, meu pai dizia que ele tinha razão. Aí mesmo é que eu tinha motivos para acreditar.”

Rita não se lembra de nenhum fato político deste período. Destaca que gostava da figura do Médiçi, a quem classifica como muito diferente dos antecessores.

Chegamos enfim ao ponto que para mim representa o grande objetivo do trabalho. Quando pergunto pelo seu patriotismo na época, sua memória se aviva novamente. Revela que se emocionava com os trabalhos escolares de *Moral e Cívica*, com as conquistas esportivas e com todo o ufanismo. Acrescenta a emoção com que a família recebia as cartas enviada pelo Pe. Menceslau, quando de suas viagens à Europa. Eram lidas quase que em sessão solene, e nelas, a saudade da *pátria amada* era muito grande. Rita revela que se emocionava:

“Era emocionante falar do Brasil, pensar o quanto o país era grande, bonito, abençoado por Deus. Fazia trabalhos de Moral e Cívica com a maior dedicação. Éramos muito felizes porque éramos brasileiros e amávamos nosso país.”

O encerramento da entrevista deveria acontecer com uma pergunta despreziosa: *você hoje é patriota?* Como a resposta foi um imediato *sim*, achei que poderia ser uma resposta meio mecânica, instintiva, e resolvi investigar. Reproduzo agora o diálogo travado, porque acredito que somente assim a transmissão da carga emocional do momento será precisa.

(com relação a ser patriota, pergunto *por que?*)

“Sim (Sem a mesma convicção.) Que é isso? Eu não posso dizer que não sou! (Silêncio) É acreditar nesse país?”

Resolvo interferir: *se sente patriota em que sentido, ou por quais razões?*

(Silêncio) “É difícil! Não posso dizer que sou e não saber por quê!” (Silêncio constrangida)

Pergunto se acredita nas instituições desse país.

(Novo silêncio) “Nesse momento, não!”

Insisto na questão: *seu pai lhe ensinou a ser patriota?*

“Ensinou a ser ufanista, talvez. (Silêncio novamente constrangida) Ensinou a acreditar sem questionar.”

Faço a pergunta que acredito ser a conclusão de tudo: *é patriota devido a relação que teve com seu pai e com o padre?*

“Aprendi a ser patriota... (Silêncio) Não procuro passar isso para meus filhos. Estão vendo tudo sozinhos. Não tenho essa preocupação.”

Diante de tão reveladoras respostas e do perceptível constrangimento da entrevistada, encerro a entrevista.

UMA RELAÇÃO MUITO FORTE.

Ainda hoje não consigo ter um embate de idéias com o meu pai.

Rita de Cássia

A primeira conclusão a que chego com esse trabalho, é que Ary sempre foi um homem voltado àquilo que entendo como ordem e legalidade, desde que estas atendam aos seus valores, conceitos e expectativas. Era getulista quando Getúlio tinha um discurso afinado com suas idéias. Tornou-se lacerdista quando Carlos Lacerda passou a usar uma linguagem próxima aos seus pensamentos. Após o golpe a desinformação e o patriotismo não deram-no uma clara visão dos fatos.

Não tendo nenhum político em quem personificar seus ideais, investe ainda mais na amizade com o Pe. Menceslau e na igreja como um repositório dos valores morais em que acreditava. Politicamente, continua *“a viver sua vida normalmente”*. Mas não deixa de ser um legalista, acredita até hoje no país, no amor ao Brasil e acredita ter cumprido seu papel de pai passando isso para os filhos.

A entrevista de Rita de Cássia me remete, antes de tudo à Eclea Bosi:

“A memória do indivíduo depende do seu relacionamento com a família, com a classe social, com a escola, com a igreja, com a profissão; enfim, com os grupos de convívio e os grupos de referência peculiares a esse indivíduo.”

Rita, na verdade, sofreu uma *dominação ideológica* muito forte de seu pai. Os valores, acredito eu, foram transmitidos quase como uma imposição. Segundo Rita, não havia discussão dentro de casa. A palavra do pai era lei, e do padre, lei divina.

O que se tornou mais revelador para mim foi a constatação de que, enquanto Ary sempre foi patriota, Rita *aprendeu* a sê-lo. Hoje, não sabe porque, mas não consegue se desvencilhar da orientação de ser o que seu pai quis que ela fosse.

O exercício da entrevista como instrumento de pesquisa, além de muito excitante, me causou uma particular emoção. **ARY ALVES** é meu pai, e me contou sua *história de vida*, **RITA**, minha irmã me deu um *depoimento*. Ambos desnudaram uma relação afetiva de forte controle ideológico e comportamental, com a interferência de um elemento externo - Pe. Menceslau - que na verdade se tornou reserva moral de um e ídolo do outro.

O exercício da entrevista possibilitou uma maior compreensão da minha família, e revelou os reais motivos da minha inquietude. Fui criado e formado numa estrutura de legalidade, legitimação, patriotismo e ufanismo. Fui adolescente no momento de questionamento permitido. Tornei-me adulto e todos esses conflitos fizeram de mim um historiador.